

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP

ISSN: 2526-7892

TRADUÇÃO

APENAS UM *TRICKSTER* PODE NOS SALVAR: HIPERORDENANDO POSIÇÕES DE IDENTIDADE *QUEER*¹

*Autor: Jacob W. Glazier*²

*Traduzido por: Mariana Lage*³ e *Matheus de Simone*⁴

RESUMO: A pesquisa de Donna Haraway realiza uma dura polêmica contra a perspectiva essencialista presente nas teorias feministas e nos estudos de gênero ao confiar em uma metodologia original, que não rejeita as armadilhas de uma cultura viciada em tecnociência, tampouco simplesmente as abraça; mas, ao contrário, desenvolve uma metodologia que habita as ditas posições críticas por meio da ironia, da hipérbole e da iconoclastia. Essa abordagem é batizada aqui de hiperordenamento [*hypercommandeering*]: um neologismo que combina a afinidade hiperativa do excesso, da decadência e da superprodução na pós-modernidade com as conotações políticas de ordenações do *blitzkrieg*, necessárias à sobrevivência num contexto como esse. Assim sendo, este projeto dança e se desvia entre figuras de linguagem na medida em que, dada a ontologia subjacente do *trickster*,⁵ o ato de exagerar e inverter significados revela mais a respeito da verdade do que um argumento linear, desmentindo uma metalinguagem fingida e, portanto, imperialista. Esse é o caminho da geratividade, e não de objetivos finais – de ser capaz de falar todas as línguas possíveis por meio da heteroglossia metodológica, a partir da qual se origina uma instância política que não é a de anarquismo nem a de imperialismo, mas a de uma cabeça de Janus. As estratégias do *trickster* podem atacar os flancos da cortina de ferro da metonímia e violá-la por meio do artifício. Um exemplo de hiperordenamento é dado por meio de uma leitura do desfile *VOSS* de primavera/verão de 2011 do estilista Alexander McQueen.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de gênero; Donna Haraway; Alexander McQueen; Teoria *queer*; Trickster; Estética *queer*.

¹ Publicado originalmente em *International Journal of Humanities and Social Science Invention*, Volume 3, nº 11, novembro/2014. Pp. 28-37.

² Professor no Departamento de Psicologia da Universidade de West Georgia.

³ Mariana Lage é escritora, professora e pesquisadora de pós-doutorado (bolsista Capes/PNPD) no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora - IAD-UFJF, doutora e mestre em Estética e Filosofia da Arte, pela UFMG.

⁴ Matheus de Simone é artista e mestrando em Artes, Culturas e Linguagens, no Instituto de Artes e Design na UFJF.

⁵ Optou-se por manter a palavra em inglês devido à sua riqueza semântica, incapaz de ser contida em apenas uma palavra em português. Arquétipo de uma entidade ao mesmo tempo divina e mortal/animal, o *trickster* é aquele que inverte hierarquias, subverte regras e comportamentos sociais, atravessa fronteiras a partir de uma postura inteligente, algumas vezes tola, brincalhona, mas sobretudo ardilosa e inesperada. Apenas quando, em poucos momentos deste artigo, a palavra *trickster* aparece como adjetivo de determinados atos e posturas, optou-se por traduzir por ardiloso (N. T.).

I. INTRODUÇÃO

A escrita ciborgue não deve ser em torno da Queda, da imaginação de uma totalidade fantasiosa anterior à linguagem, à escrita, anterior ao Homem. Na escrita ciborgue, trata-se do poder de sobreviver, não com base na inocência original, mas com base em apreender as ferramentas a fim de marcar o mundo que as marcou como outro... Preferiria ser um ciborgue do que uma deusa.⁶

A epígrafe, extraída do “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” de Donna Haraway, ou “Manifesto ciborgue” como é conhecido coloquialmente, ressalta as motivações que animam a metodologia de Haraway e seu projeto teórico mais abrangente. São evidentes, na epígrafe, as nuances políticas, que eliminam qualquer nostalgia por uma totalidade arraigada na historicidade ou na futuridade, desafiando, assim, crenças antigas em áreas como estudos científicos, humanidades, feminismo, estudos de gênero, psicologia e psicanálise. Contudo, a epígrafe eleva a novo nível seu apelo para tomarmos as mesmas armas usadas para subjugar e empunhá-las contra os discursos de colonização e imperialismo. Essa aproximação dupla e paradoxal de afirmar e criticar ao mesmo tempo o sujeito disperso e suas forças constitutivas, repousa solidamente, talvez seja óbvio dizer, numa ontologia do *trickster*, conforme Haraway ilustra de maneira mais explícita⁷ nos mitos do coioote, da tradição dos nativos norte-americanos. Nessa tradição, o coioote é o *trickster* encarnado⁸ e, mais ainda, é uma dentre uma legião de possíveis repetições da figura de linguagem do *trickster*, que aparecem ao longo da história e da cultura. Outros exemplos comuns desse avatar tomam a forma de palhaços, bobos da corte, curingas ou loucos,⁹ cuja intenção parece ser a de desestabilizar o *status quo*, com o propósito, em geral, de promover mudanças. Eles fazem isso, a princípio, ao atravessar fronteiras, o que levou essa figura a ser chamada de “espírito da estrada” e de mensageiro entre os deuses e mortais.¹⁰

A figura do *trickster* aparece em numerosas e diversas fontes literárias, incluindo obras como as de Homero,¹¹ Shakespeare,¹² Virginia Woolf¹³ e muitos outros. Sua

⁶ HARAWAY, Donna. “A cyborg manifesto: Science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth-century”. In: HARAWAY, Donna. (ed.). **Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature**. Nova York: Routledge, 1991. P. 175.

⁷ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. Nova York: Routledge, 2004.

⁸ HYDE, Lewis. **Trickster makes this world: Mischief, myth, and art**. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.

⁹ HELLER, Dana. “Holy fools, secular saints, and illiterate saviors in American literature and popular culture”. **CLCWeb: Comparative Literature and Culture**. West Lafayette, V. 5. N. 3, 2003.

¹⁰ HYDE, Lewis. *Op.cit.*

¹¹ BOSSU, René L. “A general view of the epic poem, and of the Iliad and Odyssey”. In: BLOOM, Harold; HOBBY, Blake. (ed.). **The trickster**. Nova York: Infobase Publishing, 2010. Pp. 121-136.

¹² EVANS, Robert. C. “This sport well carried shall be chronicled: Puck as trickster in Shakespeare's A Midsummer Night's Dream”. In: BLOOM, Harold; HOBBY, Blake. (ed.). *Op.cit.* Pp. 109-119.

¹³ ARTEMIS, Rossitsa. “With Orlando in wonderland”. In: BLOOM, Harold; HOBBY, Blake.

ubiquidade aparente em diversas culturas levou Carl Jung¹⁴ a se apropriar do *trickster* como um dos arquétipos universais em sua teoria do inconsciente coletivo. Pode-se dizer que o *trickster* parece ter tido um impacto poderoso e prolongado na cultura e psicologia humana. Este projeto continua a desenvolver o tema do *trickster* ao abordar sua relação específica com o gênero, a sexualidade e o *queer*, apoiado na obra de Donna Haraway. O *trickster* é particularmente pertinente para uma discussão de gênero e sexualidade que trate de uma estranheza *queer* devido à ambiguidade e à polimorfia de seu gênero e de sua sexualidade (isto é, transgêneros, intersexo), à sua animalidade política, ou à sua ânsia incessante por transgressão sexual, de tabus eróticos culturais, de modo excepcional, perverso, extravagante e instável – à semelhança do que faz o *queer*.

O termo *queer*, aqui, conforme argumenta Butler,¹⁵ deve ser reclamado pela comunidade contra a qual o termo foi usado historicamente como ferramenta de vergonha e marginalização. Esse processo de reclamação é, num sentido mais amplo, um tema que se repete neste artigo.

O verbo reclamar [*reclaim*] vem do Francês antigo, *reclamer*, que significa convocar, invocar, ressoar ou chamar de volta um falcão – conforme fazia a aristocracia medieval após uma caçada.¹⁶ Pode também significar tornar manso ou passivo de controle. Ademais, reclamar deriva do latim *reclamare*, que significa clamar ou protestar. Esse projeto defende, como unidade indivisível, esses dois sentidos aparentemente contraditórios da palavra reclamar – chamar de volta e protestar. Reivindicar essa visão é reconhecer que gênero e sexualidade não são fenômenos essenciais como tem sido pressuposto de modo geral. Pensando com Foucault, Haraway afirma que gênero e sexualidade podem ser inerentes às estratégias de controle e policiamento.

As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Gênero, raça e classe, após conquistarem duramente o reconhecimento de sua constituição histórica e social, não podem fornecer o fundamento para a crença da unidade “essencial”. Não há nada em torno do “feminino” que unifique as mulheres de forma natural. Sequer há uma condição como “ser” feminina, uma categoria por si só bastante complexa, construída por meio de, entre outras práticas sociais, discursos sexuais científicos contestados. Gênero, raça e consciência de classe é uma conquista imposta a nós por uma experiência histórica de realidades sociais contraditórias como o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo.¹⁷

(ed.). *Op.cit.* Pp 151-158.

¹⁴ JUNG, C. G. **Four archetypes: mother, rebirth, spirit, trickster**. Princeton: Princeton University Press, 1970.

¹⁵ BUTLER, Judith. “Critically queer”. **GLQ: Journal of Lesbian & Gay Studies**. Durham: Duke University Press, 1993. Pp. 17-32.

¹⁶ **The Oxford English dictionary**, 8. Great Britain: Oxford University Press, 1961.

¹⁷ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. *Op.cit.* Pp. 13-14.

Ou, como Butler¹⁸ sugere, gênero é, em parte, uma performance concretizada por meio da repetição habitual de atos estilizados, baseados numa norma histórica. Como consequência dessa premissa, a hipótese deste artigo argumenta em favor de estender a metáfora do *trickster* onde quer que as categorias LGBTs possam apresentar resistência contra a reificação, se apoiando na posição identitária do hiperordenamento (HCI), a qual é composta pela junção de quatro facetas, quais sejam: hiperbólica, irônica, iconoclasta e processada.

II. A INTELIGIBILIDADE SOCIAL DAS CATEGORIAS

O enquadramento deste manuscrito e, de modo geral, do trabalho de Haraway, se estabelece sob o pano de fundo das pesquisas de Michel Foucault,¹⁹ que revelou a emergência de discursos de homossexualidade durante o século XIX em paralelo aos discursos da psiquiatria, da lei e da literatura, o que, por sua vez, tornou possível o surgimento do que ele denominou de “discursos reversos”. Isso quer dizer que a homossexualidade começou a advogar em favor da veracidade de sua naturalidade, exigindo uma necessária legitimidade com base nos mesmos discursos que, a princípio, a condenavam. Hoje em dia, o projeto de essencialização de discursos reversos em comunidades *queers* se mantém vivo por meio da oscilação frenética entre categorização e consolidação.

História das categorias *queers*: Nos Estados Unidos, até mais ou menos os anos 1960, não existia um termo coloquial amplamente aceito que descrevesse de forma pejorativa as sexualidades não normativas. A expressão “terceiro gênero”, que tem suas raízes em 1860, talvez tenha sido a primeira tentativa de chegar a um termo como esse, mas nunca foi aceito ou utilizado em grande escala.²⁰ A palavra homossexual foi a primeira a ser aceita de forma ampla para descrever a sexualidade não normativa. Em 1973, a Associação norte-americana de psiquiatria votou contra o uso da palavra homossexualidade para designar uma doença mental no Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM)²¹. Contudo, em 1974, a designação foi substituída por um diagnóstico de distúrbio de orientação sexual e, em 1980, o DSM-III utilizou a palavra como categorização de orientação sexual egodistônica, que, por sua vez, acabou sendo removida em 1987. Embora os diagnósticos que diziam respeito a pessoas gays, lésbicas e bissexuais tenham sido aos poucos removidos, o DSM-IV-TR (4ª edição; revista)²² contém ainda uma categoria chamada de Transtorno de identidade de gênero, que se aplica, em potencial, às pessoas transgêneras e intersexuais. Por fim, no DSM-V, o diagnóstico de Transtorno de identidade de gênero foi renomeado por disforia de gênero, com

¹⁸ BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. Nova York: Routledge, 1990.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. Nova York: Pantheon Books, 1978.

²⁰ KENNEDY, H. C. The "third sex" theory of Karl Heinrich Ulrichs. **Journal of Homosexuality**. Nova York, V. 6. N.1–2, 1981. Pp. 103–111.

²¹ BAYER, Ronald. **Homosexuality and American psychiatry: The politics of diagnosis**. Princeton: Princeton University Press, 1987.

²² AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**, 4ª ed. Washington: Author, 2000.

o intuito de dissipar algumas das associações negativas que, em geral, acompanham a palavra “transtorno”.²³

O termo gay se tornou conhecido nos anos 1970.²⁴ O acrônimo LGB (lésbicas, gays, bissexuais) começou a substituir a expressão “comunidade gay” em meados dos anos 1980. No início dos anos 1990, o termo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) começou a adquirir notoriedade e é o mais aceito e apropriado nos dias de hoje.²⁵ Em meados dos anos 1990, a letra Q (que, a depender do contexto, designa *queer* ou questionamento) foi acrescentada como um sufixo ao acrônimo LGBT, de modo a formar LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer* ou questionadores). Ao final dos anos 1990, indivíduos intersexuais (isto é, pessoas cujas características sexuais, tais como genitais, não podem ser classificadas exclusivamente como de homens ou de mulheres) ampliaram o acrônimo ao acrescentar um I (para designar intersexuais) como sufixo.²⁶ Em seguida ao acréscimo do I, sugestões de acréscimos de novas letras surgiram como uma enxurrada, tais como o C para curiosos, U, para incertos [*unsure*], outro T, TS ou 2 para pessoas de dois espíritos (expressão que surge da cultura ameríndia norte-americana),²⁷ um A ou SA para aliados héteros, ou outro A para assexuados.²⁸ Ainda, foram sugeridos o acréscimo de P para pansexuais ou poliamorosos, um H para HIV-positivo, e um O para outros.²⁹ Existiram outras tentativas de consolidar outros termos. Por exemplo, argumentou-se que as categorias de pansexual, onissexual, fluído e *queer* pertence ao termo bissexual, enquanto os termos transexuais e intersexuais, na verdade, recaem sob o domínio do transgênero. Contudo, essa é uma discussão controversa para muitas pessoas na comunidade.

Na cultura afro-norte-americana, membros da comunidade gay adotaram a sigla SGL (amor de mesmo gênero), a fim de separarem-se dos grupos LGBT típicos de predominância branca.³⁰ No discurso acadêmico e, algumas vezes, no discurso médico, os acrônimos HSH (homens que fazem sexo com homens) ou MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres) são empregados para designar pessoas que se envolvem em atos sexuais sem que tenham que se comprometer com questões complexas de orientação ou preferência sexuais.³¹ Foram muitas as

²³ AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**, 5^a ed. Washington: Author, 2013.

²⁴ ROSS, E. Wayne. **The social studies curriculum: Purposes, problems, and possibilities**. Nova York: SUNY Press, 2006.

²⁵ ALEXANDER, Jonathan; YESCAVAGE, Karen. **Bisexuality and transgenderism: InterSEXions of the others**. Nova York: Harrington Park Press, 2004.

²⁶ ARAGON, Angela Pattatucci. **Challenging lesbian norms: Intersex, transgender, intersectional, and queer perspectives**. Nova York: The Hawthorn Press, 2006.

²⁷ GILLEY, Brian Joseph. **Becoming two-spirit: Gay identity and social acceptance in Indian country**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

²⁸ PADILLA, Yolanda Chávez. **Gay and lesbian rights organizing: Community-based strategies**. Nova York: Routledge, 2003.

²⁹ ALEXANDER, Jonathan; YESCAVAGE, Karen. *Op.cit.*

³⁰ RIMMERMAN, Craig A.; WALD, Kenneth D.; WILCOX, Clyde. **The politics of gay rights**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

³¹ YOUNG, R. M.; MEYER, I.H. “The trouble with “MSM” and “WSW”: Erasure of the sexual-minority person in public health discourse”. **American Journal of Public Health**. Washington, V. 95 N. 7, 2005. Pp. 1144-1149.

tentativas em estabelecer uma categoria genérica e globalizante capaz de capturar a pletora de abreviaturas e acrônimos.³² Por exemplo, tem havido uma insistência em reivindicar palavras como *queer*³³ ou arco-íris,³⁴ mas nenhuma delas conquistou uma aceitação tão predominante quanto o acrônimo LGBT – o *queer* é, de certa forma, uma exceção que, nos anos 1990, se institucionalizou como vertente de estudos *queers* na academia.³⁵ Mais recentemente, a expressão “gênero e diversidade sexual” (GSD) vem sendo sugerida com o intuito de capturar uma variedade de nuances.³⁶ Contudo, há na comunidade uma forte contracultura que rejeita o anseio de se chegar a uma categoria globalizante³⁷ porque, de certa forma, um projeto como esses assume ainda uma perspectiva essencialista de gênero e sexualidade, que, por sua vez, traz consigo típicas implicações políticas.

Sentido sociológico: Essa visão histórica geral dos termos traz para primeiro plano uma discussão em torno de sua inteligibilidade dentro de uma comunidade social. Nos referindo de modo conciso ao projeto histórico, é possível dizer que esse processo utilizou o essencialismo em grande medida. Por exemplo, Wagner *et alii* sugere que o sentido é construído por meio de um processo contínuo de objetificação em que a “objetificação é um mecanismo através do qual o conhecimento representado de modo social adquire uma forma específica... uma objetificação captura a *essência* [italico meu] do fenômeno, a torna inteligível para as pessoas e a entrelaça no tecido do senso comum do grupo”.³⁸ A “descoberta” de uma assim chamada essência ou forma do fenômeno não pressuporia um certo grau de universalidade? Além do mais, se uma pressuposição como essa é saturada de relações hegemônicas de poder,³⁹ essa posição então não privilegiaria necessariamente a agenda majoritária de um grupo social?

Atento a esse tipo de armadilha e de um conveniente essencialismo, Namaste⁴⁰ sugeriu que pesquisadores evitassem binarismos hetero-homo e contemplassem uma multiplicidade de posições (por exemplo, bissexuais, transgêneros, andrógenos), que se localizam fora da dicotomia sexual. Ao fazerem isso, então, eles revelariam que “as posições de resistência mais eficazes são aquelas criadas por

³² BLASIUS, Mark. **Sexual identities, queer politics: Lesbian, gay, bisexual and transgender politics**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2001.

³³ BUTLER, Judith. “Critically queer”. *Op.cit.* Pp. 17-32.

³⁴ ARMSTRONG, Elizabeth A. **Forging gay identities: Organizing sexuality in San Francisco 1950–1994**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

³⁵ BERRY, Ellen E; FOSTER, Thomas; SIEGEL, Carol. **The Gay '90s: Disciplinary and interdisciplinary formations in queer studies**. Nova York: New York University Press, 1997.

³⁶ SANSALONE, Dom. **Organization proposes replacing “limiting” term LGBT with more inclusive “GSD”**. 2013. Disponível em <<https://www.pinknews.co.uk/2013/02/25/organisation-proposes-replacing-the-limiting-term-lgbt-with-more-inclusive-gsd/>>. Acesso em 18/08/2018.

³⁷ SYCAMORE, Mattilda Bernstein. **That's revolting!: Queer strategies for resisting assimilation**. Nova York: Soft Skull Press, 2005.

³⁸ DUVEEN, Gerard; FARR, Robert; JOVCHELOVITCH, Sandra; LORENZI-CIOLDI, Fabio; MARKOVÁ, Ivana; ROSE, Diana; WAGNER, Wolfgang. “Theory and method of social representations”. In: **Asian Journal of Social Psychology**. V. 2, N. 1, 1999. P. 96.

³⁹ Cf. BUTLER, Judith. **Gender trouble**, 1990; e Foucault, Michel. **The history of sexuality**, 1978.

⁴⁰ NAMASTE, Ki. “The politics of inside/out: Queer theory, post structuralism, and a sociological approach to sexuality”. **Sociological Theory**. V. 12 N. 2, 1994. Pp. 220-231.

pessoas que recusam ambas opções”⁴¹. Contudo, Namaste parece restringir as consequências do pós-essencialismo quando acredita que existe uma posição a ser assumida que permitiria uma fuga da rede binária. Em outros termos, ele acredita que investigar uma posição tal como a bissexualidade ou a transgeneridade revelariam uma possibilidade de contornar a hegemonia hétero. Todavia, se o pós-essencialismo é levado a sério, então, de forma lógica, toda posição *queer* se coloca numa relação de definição com as posições normais, de modo que a reivindicação de identidade mais própria requer um critério normativo de adjudicação – infundavelmente. De certo modo, Namaste perpetua o papel antitético do seu próprio argumento ao sugerir um engajamento em posições não normativas, as quais ainda permanecem presas de uma distinção dentro/fora – tome como exemplo os próprios compromissos filosóficos do autor. Ainda que o argumento de Namaste seja compreendido como um pronunciamento de comício em prol de posições adicionais de resistência, essas ainda se situariam de modo distintivo contra posições normativas. À guisa de exemplo, Namaste afirma que “se a adoção da identidade homossexual serve apenas para reforçar a força da heterossexualidade, então talvez as posições mais efetivas de resistência sejam aquelas criadas por pessoas que recusam ambas opções”⁴². As pessoas que recusam ambas opções estão assumindo ainda uma postura relacional identitária ou, de forma mais precisa, uma não identidade ou uma posição “negativa”. Elas, ao mesmo tempo, não existem por toda parte e em parte alguma.

Se aceitamos a premissa de Wagner *et alii* de que a inteligibilidade exige objetificação, então, as identidades *queers* parecem ser, por definição, uma função do que a sociabilidade consensual delibera ser essencial. Ainda assim, mesmo que aceitemos a perspectiva de Namaste, ao assumirmos a cobertura de posições identitárias menos normativas (isto é, bissexuais, transgêneros), essas posições ainda são constitutivas da hegemonia hétero, mesmo que num grau mais atenuado – um tipo como esse ainda não foi examinado. O *trickster*, contudo, atravessa todas as categorias⁴³ ao tornar inteligível um sentido de modo radicalmente não essencial através da desconstrução e da destruição do próprio sentido que ele profere, por meio de um truque discursivo peculiar chamado aqui de hiperordenamento [*hypercommandeering*], abreviado pelas iniciais HCI.

III. PROBLEMA FILOSÓFICO

Antes de realizar um esboço geral do HCI, é necessário estabelecer o devido lugar de certas obras e contextos filosóficos que residem como pano de fundo. Judith Butler⁴⁴ distingue entre pós-estruturalismo e pós-modernismo. Para Butler, Jean-

⁴¹ *Ibid.* P. 230.

⁴² *Idem*

⁴³ Cf. HARAWAY, Donna. “A cyborg manifesto”. *Op.cit.*; 1991; HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. *Op. cit.*

⁴⁴ BUTLER, Judith. “Contingent foundations: Feminism and the question of ‘postmodernism’”. In: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (ed.). **Feminists theorize the political**. Nova York: Routledge, 1992. Pp 3-21.

François Lyotard⁴⁵ e Jean Baudrillard⁴⁶ se situam sob o guarda-chuva do pós-modernismo, enquanto Jacques Derrida⁴⁷ e Michel Foucault⁴⁸ são classificados mais precisamente como pós-estruturalistas. Essa distinção é importante porque o trabalho desses últimos é mais focado no modo como a linguagem e o poder constituem o mundo e a identidade, em oposição aos suspeitos comentários sociais e culturais levantados pelos primeiros. O que Butler tem a dizer sobre o posicionamento e as categorias *queers*?

Performatividade: Em *Problemas de Gênero*, Butler argumenta que ficções de fundação dão suporte à noção essencializada de self, que, por sua vez, perpetua a opressão do sujeito feminino. O objetivo de Butler é provocar problemas de gênero “por meio de mobilizações, confusões subversivas e pela proliferação daquelas categorias constitutivas que buscam manter o gênero em seu lugar ao postulá-lo como uma ilusão fundacional de identidade”⁴⁹. Ao se apropriar de Foucault, a filósofa defende que não pode haver qualquer posição “antes”, “fora”, ou “depois”, em que o sujeito possa se situar. A identidade é necessariamente apreendida em uma rede de intrincados discursos de poder. Conseqüentemente, não faz sentido falar em “antes” e “depois”, já que o sujeito equivale, estritamente, aos efeitos gerados por interseções de muitas e diversas discursividades. A performatividade, termo empregado por Butler, captura esse sentido de posição e postura de identidade como um discurso contínuo e ininterrupto, proferido por um agente criador e atuante.

Nesse sentido, Butler confronta a duradoura distinção entre gênero e sexo ao colapsar a primeira na segunda. Ela afirma que “quando a condição construída de gênero é teorizada como radicalmente independente do sexo, o gênero se transforma em um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem facilmente significar um corpo feminino tanto quanto um masculino; e, do mesmo modo, mulher e feminino podem significar um corpo masculino tanto quanto um feminino”⁵⁰. No que diz respeito a qualquer fundamento estático ontológico, essa desessencialização radical coloca a atribuição de gênero como algo arbitrário. Além disso, traz para primeiro plano a possibilidade de ver o gênero como implementação e policiamento da hegemonia heteronormativa e falocêntrica.⁵¹

Realismo metafórico: É nesse ponto que o trabalho de Haraway é especialmente conveniente, pois ela utiliza a figura de linguagem do *trickster* como um modo de escapar à captura hegemônica, enquanto ainda produz sentido. Duas iterações dessa figura, que constituem uma cabeça de Janus, são o ciborgue⁵² e os cães.⁵³ Ela os

⁴⁵ LYOTARD, Jean-François. **La Condition Postmoderne**. Paris: Minuit, 1979.

⁴⁶ BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et Simulations**. Paris: Galilée, 1981.

⁴⁷ DERRIDA, Jacques. **Of grammatology**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. **Discipline and punishment: The birth of the prison**. Nova York: Pantheon Books, 1977.

⁴⁹ BUTLER, Judith. **Gender trouble**. *Op.cit.* P. 34.

⁵⁰ *Idem*. P. 6.

⁵¹ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. *Op.cit.*

⁵² Cf. HARAWAY, Donna. “A cyborg manifesto”. *Op.cit.*

⁵³ Cf. HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto**. *Op.cit.*

subsumi sobre a espécie dócil de companhia. Eles não esgotam a figura de linguagem, uma vez que o *trickster* se manifesta, por natureza, como um transmutador da forma⁵⁴. Contudo, eles são particularmente oportunos tendo em visto nossa época cultural e histórica; isto é, eles unificam vertentes díspares de cultura, ciência, tecnologia e filosofia de um modo que contribui para evidenciar um processo ontológico subjacente. Dessa forma, o *trickster* nos liberta da preocupação moralizante e prescritiva, pois o conhecimento, nesse sentido, é dado como um grão de sal – ou menos figurativamente, de modo especulativo. Haraway classifica sua postura de realismo metafórico, uma interface entre as falsas dicotomias do realismo *versus* construcionismo⁵⁵. Essa postura não é, em sua inteireza, pós-estruturalista num sentido derridiano, segundo o qual o significante e o significado conseguiram obter ao menos algum tipo de relação – embora repleta de questões de comunicação e intimidade. Como Haraway afirma, “toda linguagem, incluindo a matemática, é figurativa: é feita de metáforas, constituída de solavancos que nos fazem desviar de uma mentalidade literal”.⁵⁶ A linguagem de fato tem algo significativo a dizer a respeito da realidade, ainda que seja dito de forma indireta por meio de sagacidade, humor e ironia.

As categorias *queer* LGBTetc essencializam a sexualidade. Além disso, essa hipostatização aprisiona pessoas *queer* na hegemonia do falocentrismo⁵⁷ e da heteronormatividade – ou seja, na dicotomia do dentro/fora.⁵⁸ Derrida argumentou que estamos sempre e já de saída necessariamente presos a uma hermenêutica binária – da qual, como sujeitos falantes, não podemos querer escapar à la “não há nada fora do texto”.⁵⁹ No entanto, se as palavras são usadas para gerar atrito de um modo desviante e disruptivo específico, então, talvez elas possam dizer algo significativo sobre seus referentes. Por esse motivo, uma visão metafórica da linguagem é sustentada pela ontologia do *trickster* quando Haraway traz para essa ontologia o emprego necessário de certa retórica e de técnicas de posicionamento, bem como uma estratégia específica batizada aqui de hiperordenamento [*hypercommandeering*] (HCI).

IV. HIPERORDENAMENTO COMO POSIÇÃO DE IDENTIDADE

O hiperordenamento é um fazer-no-mundo particular de uma posição de identidade. O termo “posição de identidade” surge de uma variedade de disciplinas como a psicologia discursiva e a psicologia social.⁶⁰ De acordo com Davies e Harré,

⁵⁴ HYDE, Lewis. *Op.cit.*

⁵⁵ Cf. HARAWAY, Donna.

Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan_Meets_OncoMouse: Feminism and technoscience. Nova York: Routledge, 1997.

⁵⁶ *Ibid.* P. 3.

⁵⁷ Cf. DERRIDA, Jacques. **Margins of philosophy.** Chicago: University of Chicago Press, 1982.

⁵⁸ FUSS, Diana. **Inside/out: Lesbian theories, gay theories.** Nova York: Routledge, 1991.

⁵⁹ DERRIDA, Jacques; KAMUF, Peggy. “Biodegradables seven diary fragments”. **Critical Inquiry.** Chicago. V. 15 N. 4, 1989. P. 873.

⁶⁰ HARRÉ, Rom; LAGENHOVE, Luk V. “Introducing positioning theory”. In: HARRÉ, Rom; LAGENHOVE, Luk V. (ed.), **Positioning theory: Moral contexts of intentional action.** Oxford: Blackwell, 1999. Pp. 14-31.

posicionamento de identidade é “o processo discursivo por meio do qual as pessoas estão localizadas em conversas como participantes coerentes de modo observável e subjetivo em narrativas produzidas em conjunto”.⁶¹ Em outras palavras, o sentido de self é localizado de forma intersubjetiva, necessariamente por meio de dois ou mais interlocutores. A teoria do posicionamento vê o mundo como construído socialmente por meio de falas e conversações. Como seres sociais, as pessoas estão sempre empenhadas em construir e produzir sentido do mundo por meio de alinhamentos e relações dinâmicas. O termo alinhamento surge da psicologia discursiva, que tem uma semelhança familiar com a posição pós-estruturalista,⁶² uma vez que suas raízes filosóficas se estendem a Foucault e Wittgenstein.

Isso nos leva a rejeitar o cognitivismo, que acredita que a linguagem expressa alguma essência interna, e, em vez disso, a ver a linguagem como constituindo tanto o eu quanto o mundo. Um dos modos com os quais a psicologia discursiva entende o posicionamento de identidade é por meio da base social, que, por sua vez, é uma mudança no alinhamento do falante-ouvinte. Conforme Goffman afirma, “uma mudança na base implica uma mudança de alinhamento que assumimos para nós mesmos e que os demais demonstram como expresso no modo como manejamos a produção ou recepção de um enunciado”.⁶³ Dessa forma, os interlocutores estão constantemente negociando relações discursivas de poder, na medida em que o poder, aqui, denota forças criativas e destrutivas. Um elemento determinante na teoria de posicionamento é o fato de que é atribuído um papel agencial aos interlocutores. Como Wilkinson e Kitzinger afirmam, “as pessoas ativamente elegem, em determinados momentos e encontros específicos, proferir declarações como essas – e não em outros momentos”.⁶⁴ As possibilidades de *como se posicionar* sempre existem dentro de qualquer contexto, ainda que a escolha permaneça latente e não reconhecida. Como resultado, o HCI é uma dessas possibilidades de como se posicionar socialmente.

Uma posição não é um local de ocupação por um período prolongado, uma vez que estamos sempre envolvidos em um fluxo de estratégias de posicionamento.⁶⁵ Esse tipo de identidade em fluxo ou de “contingência necessária” permanece como uma possibilidade ao longo da variedade de posições de identidade que podem ser tomadas – incluindo o HCI. Isso permanece válido ainda que se interpele a partir do registro da ontologia; ou seja, não existem fundações pré-existentes, nenhuma condição pré-determinada, apenas contingência radical, que Butler denomina,

⁶¹ MALONE, Karen R.; NERSESSIAN, Nancy J.; NEWSETTER, Wendy C.; OSBECK, Lisa M. **Science as psychology: Sense-making and identity in science practice**. Nova York: Cambridge University Press, 2010. P. 126.

⁶² WETHETRELL, Margaret; TAYLOR, Stephanie; YATES, Simeon J. **Discourse as data: A guide for analysis**. Londres: Sage Publications Ltd, 2001.

⁶³ GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1981. P. 96.

⁶⁴ KITZINGER, Celia; WILKINSON, Sue. “Constructing identities: A feminist conversation analytic approach to positioning in action”. In: HARRÉ, Rom; MOGHADDAM, Fathali M. (ed.). **The self and others: Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts**. Westport: Praeger, 2003. P. 158.

⁶⁵ HARRÉ, Rom; MOGHADDAM, Fathali M. “Introduction: The self and others in traditional psychology and positioning theory”. In: *Ibid.* Pp. 1-12.

paradoxalmente, de bases contingentes.⁶⁶ É aqui que o *trickster* como figura de linguagem contribui para que o HCI se torne útil, uma vez que ele é exemplar da contingência radical, além de ser atravessador de limites e um espírito da estrada.⁶⁷

As quatro conjunções: Dentre tantos dispositivos literários e de posicionamento possíveis, por que usar um neologismo? Se dissecarmos a palavra e a atomizarmos em suas partes constitutivas, obtemos: *hyper-commandeer-ing*. E, assim, obtemos também o acrônimo HCI, que é um substituto um tanto complicado para hiperordenamento [*hypercommandeering*] devido à natureza polissêmica das três letras. Juntas, elas se referem à interação humano-computador no campo da tecnociência e, claro, estão em consonância com a própria concepção de ciborgue de Haraway,⁶⁸ cujo objetivo é impedir qualquer tipo de hipostatização binária. Como todos os bons dispositivos astuciosos, o HCI é a interface. O hiperordenamento não compreende apenas uma categoria ou outra, mas a chave para desbloquear a comunicação entre os domínios.⁶⁹ *Hyper* foi escolhido como um prefixo por representar um fundamento social que é um exagero na decadência e no excedente. Etimologicamente, hiper vem do grego *hyper* e significa um excesso em relação à medida.⁷⁰ É uma referência ao hiperbolismo inerente à posição – isto é, um exagero elevado ao absurdo – e à política da posição: trata-se de uma forma de assumir o controle ou os fins. Para usar a leitura de Haraway, “hiper significa ‘acima’ ou ‘além’, no sentido de ‘ultrapassar’ ou de ‘extravagância’”. Assim, a tecnociência indica uma modalidade de tempo-espço que é extravagante, que supera momentos da história nua ou não marcada.⁷¹ De forma similar, o prefixo hiper tem significado especial na paisagem pós-moderna, em particular no que diz respeito à hiper-realidade de Baudrillard,⁷² que equivoca o real com artifício, sem ancoramento em qualquer tipo de fundamentação originária – ou seja, signo *qua* significante. O HCI rejeita o binarismo do fundacionalismo *versus* o construcionismo social (natureza *versus* cultura) e está, ao contrário, comprometida com a busca de outro curso no hibridismo entre cultura e natureza.⁷³

De modo mais imediato, a palavra *commandeering* implica o militarismo. Isso dá ao HCI suas frentes políticas e éticas de *blitzkrieg*. A estratégia não é de invasão e de pilhagem, mas, antes, de manutenção e reorganização – uma espécie de engenharia reversa das tecnologias inimigas. A etimologia do *commandeer* vem do holandês sul-africano *kommandeeren*, que significa comandar ou forçar a entrada para o serviço militar, e também do francês *commander*, que significa confiscar em prol do uso militar.⁷⁴ Esses dois fatos históricos pintam de modo claro um quadro de belicosidade, que é particularmente proveitoso devido ao momento atual em que

⁶⁶ BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”**. Nova York: Routledge, 1993.

⁶⁷ HYDE, Louis. *Op.cit.*

⁶⁸ HARAWAY, Donna. “A cyborg manifesto”. *Op.cit.*

⁶⁹ HYDE, Louis. *Op.cit.*

⁷⁰ **The Oxford English dictionary**, 2ª ed. Grã-Bretanha: Oxford University Press, 1961.

⁷¹ HARAWAY, Donna. **Modest_Witness@Second_Millennium**. *Op.cit.* P. 11.

⁷² Cf. BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et Simulations**. Paris: Galilée, 1981.

⁷³ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto**. *Op.cit.*

⁷⁴ **The Oxford English dictionary**, 2ª ed. Grã-Bretanha: Oxford University Press, 1961.

vivemos.⁷⁵ Por fim, o sufixo torna a palavra um substantivo ao colocá-la no gerúndio. Nesse sentido, podemos apontar o HCI como uma posição de identidade, tornando-a inteligível em relação ao quadro referencial da teoria do posicionamento. Além disso, o gerúndio destaca um dos princípios primordiais da teoria: o posicionamento é um processo ativo, contínuo e dinâmico dentro do fluxo da sociabilidade humana.⁷⁶ Em paralelo ao pano de fundo linguístico, o termo *hypercommandeering* reúne quatro facetas de vertentes retóricas e discursivas divergentes, impossíveis de serem reveladas com qualquer outra palavra isolada. Essas quatro vertentes são: hiperbólica, irônica, iconoclasta e processada.

Hiperbólica: De modo fundamental, o HCI é uma exacerbação tão intensa de uma posição de identidade que impede a possibilidade de qualquer fixidez. Ela revela o interminável diferimento do significado à la “não há nada fora do texto”.⁷⁷ Desse modo, o HCI contorna a fixação por um alinhamento singular entre interlocutores: é ambíguo, livremente flutuante e impregnado de possibilidades – imanentes –, uma vez que implode qualquer compromisso com o que é literal. Em segundo lugar, esse tipo de hiperbolismo é, por natureza, desviante, porque o significado é dado necessariamente de forma indireta.⁷⁸ Uma vez que, como diz Haraway, podemos apenas “contar histórias sobre histórias, infinitamente”,⁷⁹ atos como desviar, exagerar e inverter o significado revelam mais sobre a verdade do que o faria um argumento cartesiano, uma totalidade. Haraway argumenta que “o sonho feminista de uma linguagem comum, como todos os sonhos de uma linguagem verdadeiramente perfeita, de uma experiência perfeitamente fiel de nomeação da experiência, é totalizante e imperialista”.⁸⁰ Podemos dizer, fazendo troça, que “estamos condenados à figura de linguagem” – em todas as direções. Em suma, o hiperbolismo implícito no hiperordenamento protege contra a fixidez, a literalidade e o essencialismo, ao adotar uma posição de imanência, ao passo que reconhece a natureza metafórica da linguagem por meio do seu mecanismo interno de embelezamento.

Irônica: Permanecendo com a ontologia do *trickster*, o HCI incorpora a incongruência e a dissonância por meio da ironia. Conforme Haraway diz a respeito do seu ciborgue, ele é “comprometido com a parcialidade, com a ironia, a intimidade e a perversidade. É opositor, utópico e completamente sem inocência”.⁸¹ Esse aspecto do HCI ilustra um anti-holismo, um desejo de não buscar uma identidade unitária; gerando, conseqüentemente, “dualismos antagônicos sem fim... [ao tomar] a ironia como certa”.⁸² Essa é uma posição generativa, não de finalidades

⁷⁵ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. *Op.cit.*

⁷⁶ HARRÉ, Ron; F. M. MOGHADDAM. “Introduction: The self and others in traditional psychology and positioning theory”. In: HARRÉ, Ron; F. M. MOGHADDAM, (ed.). **The self and others: Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts**. Westport: Praeger, 2003. Pp. 1-12.

⁷⁷ DERRIDA, Jacques; KAMUF, Peggy. “Biodegradables seven diary fragments”. **Critical Inquiry**. Chicago, V. 15, N.4, 1989. P. 873.

⁷⁸ HARAWAY, Donna. “A cyborg manifesto”. *Op.cit.*

⁷⁹ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto**. *Op.cit.* P. 21.

⁸⁰ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. *Op.cit.* P. 31.

⁸¹ *Ibid.* P. 9.

⁸² *Ibid.* P. 38.

– de sempre poder mostrar que o oposto poderia acontecer, na medida em que o sujeito é constituído através de suas condições sócio-históricas. Para Haraway, a ironia do HCI desencadeia uma “enzima de restrição cultural a fim de cortar o código”⁸³ do posicionamento para além e contra a hegemonia hétero – ou, a bem dizer, contra qualquer hegemonia essencialista. Dessa forma, o HCI é uma posição inclusiva de todo o domínio da sociabilidade humana, de modo que opera num domínio que subsumi identitarismos. O HCI fala todas as línguas possíveis através de sua heteroglossia ardilosa [*trickster*], da qual deriva uma posição política que não é anárquica nem imperialista, mas que, antes, se assemelha mais a uma cabeça de Janus.

Iconoclástica: A iconoclastia é por definição política: um projeto engajado de reapropriação. À guisa de exemplo, Haraway, refletindo sobre seus estudos em torno do ciborgue, lembra-se de sua motivação em tentar “habitar ciborgues criticamente; isto é, num espírito não de celebração nem de condenação, mas de apropriação irônica para fins jamais imaginados pelos guerreiros espaciais”.⁸⁴ É precisamente nesse sentido que o HCI é iconoclasta, de forma que não apenas perturba os alinhamentos de poder que tornam o sujeito dócil, como, na verdade, infiltra, desestabiliza e redefine essas estruturas, empregando-as para seus próprios fins. Um exemplo paradigmático nesse sentido é a recontagem de histórias de origem – a apropriação dos instrumentos de colonização, como argumenta Haraway, de modo que o HCI “subverte os mitos de origem centrais da cultura ocidental. Todos nós fomos colonizados por esses mitos de origem”.⁸⁵ Isto é um movimento iconoclasta ao extremo, uma vez que revela sem qualquer pudor os “fundamentos contingentes” postulados anteriormente por Butler⁸⁶. No entanto, Haraway é inflexível ao defender que isso não implica uma a-historicidade. Pelo contrário, isso revigora a localização histórica. Somos companheiros de animais, máquinas e outros seres em relacionamentos históricos confusos, entrelaçados e específicos,⁸⁷ que não devem ser unificados sob o que Butler⁸⁸ chama de “o signo do mesmo” – ou seja, categorias falocêntricas livremente flutuantes.

A motivação em rejeitar histórias de origem vem do fato de que elas são quase sempre antropocêntricas e, como argumenta Haraway,⁸⁹ tratam-se tipicamente de variações da história da salvação cristã (cf. a iconografia em tecnociência). De acordo com Haraway, “os adeptos da ecologia profunda adoram acreditar nessas histórias para poder odiá-las em nome do Selvagem antes da Queda na Cultura, da mesma forma como os humanistas acreditam nelas a fim de afastar as invasões biológicas da cultura”.⁹⁰ Nesse sentido, as histórias de origem são um tipo de tática política utilizada por facções de contestação com o intuito de promover um conjunto de crenças e uma ideologia específica.

⁸³ *Ibid.* P. 11.

⁸⁴ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto.** *Op.cit.* P. 4.

⁸⁵ HARAWAY, Donna. **The Haraway reader.** *Op.cit.* P. 33.

⁸⁶ Cf. BUTLER, Judith. **Bodies that matter.** *Op.cit.*

⁸⁷ Cf. HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto.** *Op.cit.*

⁸⁸ BUTLER, Judith. “Contingent foundations”. *Op.cit.* Pp. 3-21.

⁸⁹ HARAWAY, Donna. **Modest_Witness@Second_Millennium.** *Op.cit.*

⁹⁰ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto.** *Op.cit.* P. 28.

Processada: A metafísica do *trickster* é um tipo de ontologia de processo. Assim, a posição de identidade HCI está envolvida em um estado ativo (no gerúndio) de hiperbolizar, ironizar e iconoclastizar. Ao assumir essa postura, o *trickster* vem de um universo em que “os seres constituem uns aos outros e a si mesmos. Os seres não preexistem às suas relações”⁹¹ – o que nos deixa com nada menos do que a imagem de “tartarugas sobre tartarugas de cultura/natureza *ad infinitum*”.⁹² Se aceitarmos essa natureza processual da realidade e a visão metafórica da linguagem, então o gerúndio da palavra *hipercommandeering* é um espaço valioso capaz de frustrar a normatividade e a reificação.

O *trickster* como ontologia de processo é mais do que somente uma metáfora, um lugar para fazer o trabalho, que Haraway reconhece pelo menos até certo ponto, como uma crítica válida à sua concepção do ciborgue.⁹³ O ciborgue era um tipo de abstração, um lugar para fazer uma especulação inebriante. Isso, em parte, levou Haraway aos cães como espécies companheiras, que ela afirma resolutamente “não ser um álibi para outros temas; cães são presenças materiais-semióticas carnis no corpo da tecnociência. Cães não são substitutos da teoria; eles não estão aqui apenas ser um substrato para o pensar. Eles estão aqui para viver em companhia”.⁹⁴ Sem dúvida, cães são seres de carne-do-mundo, mas cães e ciborgues são apenas tipos taxonômicos derivados da cosmologia ultra-carnal do *trickster*. Cães podem estar “no jardim desde o começo dos tempos”,⁹⁵ mas o *trickster* é o jardim enquanto jardim. As quatro facetas supracitadas – hiperbolismo, ironia, iconoclastia e processamento – estão reunidas na posição de identidade do HCI. Elas permitem que o HCI produza sentido ao mesmo tempo que frustra a hegemonia por meio de estratégias de implantação ardilosa.

V. HCI-NO-MUNDO

Um exemplo real de HCI que é ao mesmo tempo iluminador e gerador é a estética do estilista Alexander McQueen,⁹⁶ particularmente sua coleção de primavera/verão 2001 intitulada *V/OSS*. Na verdade, Haraway e McQueen convergem em muitos aspectos.

HaraQueen: O título dessa seção, HaraQueen, é uma junção dos sobrenomes de Donna Haraway e Alexander McQueen, e tem como intuito chamar a atenção para suas muitas semelhanças. A junção desses dois nomes próprios é, em si, uma manobra ardilosa na medida em que aproxima dois domínios díspares, mantendo-os numa unidade.⁹⁷ HaraQueen é também um tipo de homofonia – *horror queen* (rainha do terror) – que mantém unificada a semântica contraditória dessas duas palavras: o horror, que significa um afeto de aversão, repulsa e pavor, e a rainha,

⁹¹ *Ibid.* P. 6.

⁹² HARAWAY, Donna. **The Haraway reader.** *Op.cit.* P. 2

⁹³ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto.** *Op.cit.*

⁹⁴ *Ibid.* P. 5.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ BOLTON, Andrew. “Preface”. In: BOLTON, Andrew; BLANKS, Tim; MCQUEEN, Alexander; FRANKEL, Susannah; SUNDSBØ, Solve (ed.). **Alexander McQueen: Savage beauty.** Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2011. p 12-15.

⁹⁷ HYDE, Louis. *Op.cit.*

como o status do direito divino, potentado e soberania; e as mantém unidas não sob o signo do mesmo, mas em suas glórias e sanguinolências⁹⁸ distintas, de forma que a diferença seja honrada.

Os projetos profissionais, assim como as histórias pessoais, de Haraway e McQueen, mostram notáveis convergências. Para McQueen, o mundo natural era uma fonte infinita de inspiração. Como Bolton afirma, “a natureza foi a maior, ou pelo menos a mais duradoura, influência sobre McQueen”.⁹⁹ Em um aparente paradoxo, um dos alvos certos de McQueen era problematizar o natural, desestruturar e desestabilizar a normatividade. Isso ficou visível de forma bastante clara na coleção “Atlântida de Platão” (primavera/verão de 2010), em que o estilista ofereceu uma história de origem irônica e invertida, em que a teoria da evolução foi virada de cabeça para baixo, e segundo a qual deveríamos retornar ao mar a fim de sobrevivermos à elevação do nível das águas devido ao derretimento das calotas de gelo. McQueen previu esse acontecimento se desdobrando em conjunto com os avanços técnicos futuros, em que “a experiência sublime da natureza foi acompanhada e suplantada pela experiência sublime da tecnologia – as impressões extremas de espaço-tempo produzidas pela internet”.¹⁰⁰

Haraway também pensa em termos de natureza/técnica. Haraway é uma bióloga especializada e suas pesquisas acadêmicas são permeadas pela articulação de uma noção de ser-com-outros (por exemplo, tecnologia, animais, humanos, etc.), que deriva do estudo do anti-anthropomorfismo radical do discurso biológico. De forma notória, ela iniciou os estudos sobre o ciborgue como modo de visualizar uma relação não instrumentalista com as tecnologias, bem como inibir criticamente tais tecnologias.¹⁰¹ Não é de surpreender que McQueen e Haraway tenham uma afinidade de gosto por figuras *tricksters*. De novo, a figura do *trickster* para Haraway é o coioete das tribos indígenas norte-americanas que, em um exemplo, depois de estupidamente colocar “sua cabeça em um crânio vazio de um alce” fica ali preso e lhe resta, então, perambular cegamente pelo mundo.¹⁰² Da mesma forma, a coleção de outono/inverno de 2000-2001, de McQueen, foi batizada de “Exu”, o deus *trickster* da religião iorubá, que “se deleita tanto em contratemplos quanto em bons momentos”¹⁰³ e que é um guia espiritual das almas em suas trajetórias abismais entre a vida e a morte. Esses dois personagens, o Exu e o coioete, estão a caminho, em trânsito e são os espíritos da estrada para quem o ato de roubar e mentir, de acordo com Hyde, não é praticado com o intuito “de se dar bem numa situação ou de ficar rico, mas sim de perturbar as categorias estabelecidas sobre verdade e propriedade e, ao fazer isso, abrir o caminho para novos mundos possíveis”.¹⁰⁴ McQueen e Haraway compartilham afinidades semelhantes em suas relações com o *trickster*, bem como compartilham inspirações derivadas da tecnologia e do mundo natural.

⁹⁸ O autor faz um trocadilho gráfico com as palavras “glory” e “gory” ao grafá-la como *g(l)ory* – estabelecendo então uma relação de proximidade entre a glória e a sanguinolência entre os campos semânticos do horror e da rainha. (N.T.)

⁹⁹ BOLTON, Andrew *et alli*. *Op.cit.* P. 15.

¹⁰⁰ *Ibid.*

¹⁰¹ HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto**. *Op.cit.*

¹⁰² HYDE, Louis. *Op.cit.* P. 39.

¹⁰³ *Ibid.* P. 121.

¹⁰⁴ *Ibid.* P. 13.

Seus projetos, em muitos aspectos, convergem, divergem, desviam e se sobrepõem uns aos outros. Consequentemente, a articulação de uma leitura do desfile “Voss” de primavera/verão 2001 de McQueen à luz do HCI, que, por sua vez, é baseado no trabalho de Haraway, traz à tona um paradigma desse posicionamento de identidade no mundo.

VOSS como caso paradigmático de HCI: Ao se deparar com o desfile VOSS, o observador foi recebido com o que parecia ser uma grande caixa de três lados ou uma sala com espelhos por todos os lados. Os editores de moda, fotógrafos e convidados estavam sentados ao longo de cada um dos três lados, dispostos no espaço de forma a serem confrontados com seus próprios reflexos por um tempo prolongado. Esse tipo de configuração, realizada por McQueen, reivindica um espaço habitado (ou posição identitária) que, ao mesmo tempo em que protege, reflete – o olhar é recuperado (o olhar é reapropriado). Como McQueen brincou, “a ideia era girar os rostos das pessoas para elas mesmas. Quis inverter e fazê-las pensar, sou realmente tão bom quanto o que estou vendo?”¹⁰⁵ O contexto foi prefigurado para estar nos termos de McQueen. Isso é importante porque o HCI emprega a ironia a fim de habitar um espaço já aberto à ocupação em prol de seus próprios fins políticos. O espaço pode ter sido controlado (a passarela do desfile), mas o contexto é reformulado de forma a reconquistar uma posição vantajosa.

Assim que o show começou, as luzes se acenderam e revelaram que a caixa do espelho era na verdade uma sala composta de espelhos de mão dupla em que, agora, os observadores podiam ver por dentro, mas as modelos da passarela (dentro da caixa de espelhos) não podiam ver o que se passava de fora. A sala ostentava paredes brancas que, de acordo com Knox, invocavam “o cenário conturbado de uma instituição de saúde mental”.¹⁰⁶ Na parede do fundo, havia um conjunto de espelhos voltados para dentro, criando um processo de espelhamento infinito dentro da própria sala. Por fim, em seu centro, havia um cubo composto por uma armação de metal e vidros sujos e opacos por todos os lados, tornando o interior invisível. A caixa dentro de uma caixa dentro de uma caixa ilustra o HCI sendo processado, de forma que McQueen estava brincando com a ideia de regressão infinita de perspectiva, segundo a qual existem caixas dentro caixas *ad infinitum*. O grande salão que encapsulava a plateia também abrigava a sala à la instituição de saúde mental. Essa, por sua vez, abrigava a caixa central e assim por diante. De forma notável, a perspectiva era controlada por meio da iluminação. A sala de saúde mental só se tornou visível quando a iluminação mudou de uma determinada maneira. Do mesmo modo, pelo menos de forma hipotética para as modelos, o público poderia se tornar visível se a luz branca fosse diminuída na sala de paredes acolchoadas e laçada sobre a plateia de observadores. Dessa forma, a iluminação e a perspectiva estavam intimamente ligadas e, mais importante, McQueen estava no controle da primeira, tornando, portanto, a última mais interessante. Em VOSS, McQueen hiperordena a iluminação e, consequentemente, controla todos os atores – modelos e membros do público em pontos de vistas marcados.

¹⁰⁵ BOLTON, Andrew *et alli*. *Op.cit.* P. 142.

¹⁰⁶ KNOX, Kristin. **Alexander McQueen: Genius of a generation**. Londres: A&C Black Publishers Limited, 2010. P. 30.

O tema do quarto de saúde mental foi explorado quando as modelos entraram nas salas com suas cabeças embrulhadas no que parecia ser bandagens brancas. Ao entrarem, elas posaram diante das paredes, não para o público, já que elas não tinham como enxergar o lado de fora. Portanto, de modo aparente, elas posavam para seus próprios reflexos. Em alguns momentos, elas se enredaram em movimentos erráticos, pareciam confusas e riam sem qualquer motivo evidente, quase como se tivessem sido lobotomizadas. Em certo sentido, este é um comentário típico de um discurso médico e psiquiátrico – o impulso da sociedade para controlar, normalizar e tornar funcional o anormal.¹⁰⁷ Por outro lado, McQueen estava criticando uma mentalidade de rebanho em torno da beleza: o que poderia ser chamado de objetificação patriarcal do corpo feminino como objeto sexual. Em contraposição a esse determinismo, McQueen via o corpo como um lugar de disputa. Bolton relata como “para McQueen, o corpo era um local de contravenção, onde a normalidade era questionada e onde o espetáculo da marginalidade era abraçado e celebrado”.¹⁰⁸ Por meio de suas roupas, McQueen recodificou o corpo com o objetivo a derrubar o que seria considerado natural ou belo. Isso, em conjunto com seu amor pela natureza, cria um paradoxo irônico que preserva essas duas dicotomias como indissolúvel – de fato, um movimento ardiloso.

Em algumas das criações mais elaboradas da coleção VOSS, as modelos agitavam e destruíam partes do vestuário que era, assim, vertidos no palco. Isto é a iconoclastia colocada em ação, uma vez que mostra que mesmo as criações de McQueen estão submetidas à transitoriedade. Embora McQueen tenha se engajado com iconoclastia, ele não era um anarquista *hardcore*. Como conta Bolton, McQueen disse que “é preciso conhecer as regras para poder quebrá-las. Estou aqui para isso, para demolir as regras e manter a tradição”.¹⁰⁹ Ele era profundamente histórico e autobiográfico em suas coleções, baseando-se em sua herança escocesa e suas experiências *queer*. Essa é outra semelhança com o trabalho de Haraway, em que ambos afirmam a necessidade de abordar a facticidade e a importância de reconhecer a localização histórica. As roupas de McQueen exibem um verdadeiro sentimento de reverência pelo cânone do tradicional. Isso talvez esteja de forma mais evidente em sua coleção póstuma, intitulada não oficialmente de “Anjos e Demônios” (outono/inverno 2010-2011). Aqui, de acordo com Frankel, “pinturas inteiras (assim como detalhes delas) foram capturadas digitalmente e tecidas em jacquards, ou bordadas e projetadas para caber em peças de roupas individuais” como evidências da admiração do estilista por “alguns de seus mestres antigos favoritos – Hieronymus Bosch, Hugo van der Goes e Jean Fouquet, entre outros”.¹¹⁰ Isso ajuda a ilustrar o que é iconoclastia no HCI; isto é, um realismo histórico revisionista que McQueen alimentou com toda sua criatividade.

Quando toda a coleção VOSS foi exibida, as modelos limpavam a sala e, então, no interior da caixa central, se fez visível uma luz suspensa, com mariposas ou

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel. **Madness and civilization: A history of insanity in the age of reason**. Nova York: Pantheon Books, 1965.

¹⁰⁸ BOLTON, Andrew *et alli*. *Op.cit.*

¹⁰⁹ *Ibid.* P. 30.

¹¹⁰ FRANKEL, Susannah. “Introduction” In: BOLTON, Andrew *et alli*. *Op.cit.* P. 27.

borboletas tremulando. A indistinção desses insetos voadores (criaturas aladas eram um motivo recorrente para McQueen) é importante pois indica um movimento de brincar com a ambiguidade e, portanto, com a artilosidade [*tricksterism*]. Por um lado, se fossem mariposas, então, elas seriam um sacrilégio, especialmente para a indústria da moda, porque elas comem tecidos. Por outro lado, se fossem borboletas, então, tratava-se de uma catarse metamórfica e possivelmente simbólica da recém-lançada coleção de McQueen. Essa ambiguidade é liminar na medida em que enfatiza a possibilidade de existência de ambas as perspectivas sem cair na armadilha de ficar com uma só.¹¹¹ De repente, as luzes se acenderam e as paredes de vidro caíram e se quebraram. Dentro da caixa, durante todo o desfile, estava a escritora fetiche Michelle Olley, deitada nua em uma poltrona, corpulenta, com mariposas/borboletas sobrevoando-a. Ela vestia um capacete reptiliano-ciborguiano com um tubo de alimentação respiratória protuberante, ligado a um duto no teto – uma flagrante conjugação de humano, máquina e animal. McQueen disse que a cenografia foi inspirada na foto “Sanitorium”, de Joel-Peter Witkin.¹¹²

Essa cena em especial captura a condição *sine qua non* do HCI: a enganação do Outro hegemônico. Enganar [*dupe*] vem do francês médio *duppe*, que se originou como um jargão de ladrões, e que significa trapacear.¹¹³ É possível que tenha vindo do idioma *de huppe*, “da poupa”, que é um pássaro bordado e incrustado de modo extravagante conhecido por ser estúpido e idiota. Para que alguém seja enganado, é importante que o engano seja revelado; caso contrário, o HCI perde seu enfrentamento político. Para ser enganado, uma percepção de ter sido trapaceado deve existir em primeiro lugar, ou a ignorância impede qualquer possibilidade de fraude. Dessa forma, o que é tão inteligente em VOSS é fato de que o elefante (metaforicamente; não me refiro Michelle Olley) esteve o tempo todo presente na sala sob apagamento temporário – o elefante só apareceu quando o engano aconteceu.

Um elemento importante é que o poder de escolha em torno momento certo para revelar o elefante estava nas mãos de McQueen desde o começo. Como tal, a coleção VOSS se assemelha ao ardid do cavalo de Tróia, no qual as conotações fálicas do ataque grego tornam seu uso ainda mais irônico, já que ele foi sequestrado como solução para um posicionamento *queer*. Esse tipo de penetração furtiva é *queer* em seu fundamento, já que, de acordo com Seely, “qualquer outro devir... implica, embora efêmera, a fuga do corpo em relação às modalidades hegemônicas da heteronormatividade patriarcal”.¹¹⁴ A estranheza (ou o caráter *queer*) do HCI fundamenta qualquer possibilidade de seu uso pela hegemonia falologocêntrica: recodificar significa, ao mesmo tempo, desalinhar. A revelação, ou o momento decisivo de sair de dentro do cavalo de Tróia, gera uma estética afetiva,¹¹⁵ que só pode ocorrer com o HCI se se caminha no fio da navalha entre o *camp* e a alta-costura; escorregar significa que o posicionamento recai sobre um dos dois

¹¹¹ HYDE, Louis. *Op.cit.*

¹¹² BOLTON, Andrew *et alii*. *Op.cit.*

¹¹³ *Online etymology dictionary* (2013) Disponível em:

<http://www.etymonline.com/index.php?term=dupe>. Acesso em: 08/08/2018.

¹¹⁴ SEELY, Stephan D. “How do you dress a body without organs? Affective fashion and nonhuman becoming”. *WSQ: Women’s Studies Quarterly*. Baltimore, V.41, N.1-2, 2013. P. 263.

¹¹⁵ GERGEN, Kenneth J. *An invitation to social construction*. Londres: Sage, 1999.

extremos de alteridade ou materializa as normas dominantes. É a um só tempo monstruoso e encantador – um romantismo macabro – por meio do qual o olhar é hipnoticamente convocado e fascinado por uma estranheza. Esse deve ter sido o sentimento experimentado pelos membros do público diante do desfile da coleção VOSS. Eles não só foram enganados, como foram levados a se sentirem inquietos e perturbados, de não se sentirem em casa.

VI. CONCLUSÃO

A implementação futura do HCI é impregnada de possibilidades. As abordagens de estudos críticos, tais como o feminismo, a teoria crítica de raça e o pós-colonialismo, poderiam se beneficiar da adição do componente HCI ao seu repertório disciplinar. O HCI é útil para a erudição crítica porque constrói uma ponte sobre um abismo, uma perigosa passagem entre o fundacionalismo e o construcionismo social. Embora tenha raízes no marxismo, a teoria crítica tendeu a se aliar ao construcionismo social e a rejeitar qualquer tipo de realismo fundacional.¹¹⁶ O HCI oferece o realismo metafórico como alternativa. Em outras palavras, as estratégias arditas podem derrotar a cortina de ferro da metonímia e transgredi-la por meio do artifício. Reivindicações sobre o mundo podem ser feitas. Contraditoriamente, no entanto, essas reivindicações são sempre colocadas em primeiro plano pela política discursiva da época. Com base no trabalho de Haraway, o HCI traça um curso entre essas contingências e perspectivas oscilantes, nas quais a navegação se torna, espera-se, menos traiçoeira. Isso pode ter algum impacto sob a maré das disciplinas mencionadas anteriormente.

Mais explicitamente, o HCI tem relevância especial para a psicologia discursiva e a teoria do posicionamento. Uma vez que o HCI nomeia uma posição de identidade, pesquisas futuras poderiam usar metodologias pertinentes para esse tipo de análise – por exemplo, análise crítica do discurso¹¹⁷ e abordar o HCI em paralelo. Isso daria credibilidade empírica adicional ao que até então tem sido, em grande parte, um trabalho teórico. Seria também interessante discernir o tipo de trabalho político que está sendo feito pelo HCI (já que é por natureza um animal político): contra quais discursos dominantes têm sido usados com o intuito de desestabilizar. Isso pode ajudar a iluminar o fluxo de relações de poder que ocorrem entre os interlocutores e o discurso cultural de modo geral.

“Eu preferiria ser um ciborgue do que uma deusa”.¹¹⁸ Para retornar, mais uma vez, à citação inaugural do “Manifesto Ciborgue” de Haraway, podemos agora nos perguntar com que seriedade devemos levar sua declaração. Por um lado, ela parece tão comprometida, que abrir caminho para além do essencialismo da modernidade e de sua sombra vacilante, isto é, a pós-modernidade, é literalmente uma luta por sobrevivência. Por outro lado, ela sustenta reiteradas vezes que partes significativas do seu projeto podem ser lidas como uma espécie de piada, como forma de impedir a exclusão discursiva e de colocar o desejo, de fato, em movimento. Juntos, desta

¹¹⁶ *Ibid.*

¹¹⁷ FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: The critical study of language.** Londres: Longman, 1995.

¹¹⁸ HARAWAY, Donna. *Op.cit.* P. 181.

forma, a *hypercommandeering* finge hegemonia com o intuito de enganar a própria hegemonia e, assim, reivindicá-la, reequipá-la e desdobrá-la novamente. É precisamente nesse sentido que “apenas um *trickster* pode nos salvar”.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jonathan; YESCAVAGE, Karen. **Bisexuality and transgenderism: InterSEXions of the others**. Binghamton, Nova York: Harrington Park Press, 2004.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**, 4ª ed. rev. Washington: Author, 2000.
- _____. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**, 5ª ed. Washington: Author, 2013.
- ARAGON, Angela Pattatucci. **Challenging lesbian norms: Intersex, transgender, intersectional, and queer perspectives**. Binghamton, Nova York: The Hawthorn Press, 2006.
- ARMSTRONG, Elizabeth A. **Forging gay identities: Organizing sexuality in San Francisco, 1950–1994**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- ARTEMIS, Rossitsa. “With Orlando in wonderland”. In: BLOOM, Harold; HOBBY, Blake (eds.). **The trickster**. Nova York: Infobase Publishing, 2010. Pp. 151-158.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et Simulations**. Paris: Galilée, 1981.
- BAYER, R. **Homosexuality and American psychiatry: The politics of diagnosis**. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- BERRY, Ellen E; FOSTER, Thomas; SIEGEL, Carol. **The Gay '90s: Disciplinary and interdisciplinary formations in queer studies**. Nova York: New York University Press, 1997.
- BLASIUS, Mark. **Sexual identities, queer politics: Lesbian, gay, bisexual and transgender politics**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2001.
- BOLTON, Andrew. “Preface”. In: BOLTON, Andrew; BLANKS, Tim; MCQUEEN, Alexander; FRANKEL, Susannah; SUNDSBØ, Sølve (ed.). **Alexander McQueen: Savage beauty**. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2011. Pp 12-15.
- BOSSU, René Le. “A general view of the epic poem, and of the Iliad and Odyssey”. In: Bloom, Harold; Hobby, B. (eds.). **The trickster**. Nova York: Infobase Publishing, 2010. Pp. 121-136.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. Nova York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. “Contingent foundations: Feminism and the question of ‘postmodernism’”. In: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (ed.). **Feminists theorize the political**. Nova York: Routledge, 1992. Pp 3-21.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"**. Nova York: Routledge, 1993.

- BUTLER, Judith. "Contingent foundations: Feminism and the question of 'postmodernism'". In: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (ed.). **Feminists theorize the political**. Nova York: Routledge, 1992. Pp. 3-21.
- BUTLER, Judith. "Critically queer". In: **GLQ: Journal of Lesbian & Gay Studies**. 1ª ed. Durham: Duke University Press, 1993. Pp. 17-32.
- DERRIDA, Jacques. **Of grammatology**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.
- _____. **Margins of philosophy** (Chicago: University of Chicago Press, 1982).
- _____; KAMUF, Peggy. "Biodegradables seven diary fragments". **Critical Inquiry**. Chicago, V. 15, N.4, 1989. Pp 812-873.
- DUVEEN, Gerard; FARR, Robert; JOVCHELOVITCH, Sandra; LORENZIO-CIOLDI, Fabio; MARKOVÁ, Ivana; ROSE, Diana; WAGNER, Wolfgang. "Theory and method of social representations". **Asian Journal of Social Psychology**. V. 2 N. 1, 1999. Pp. 95-125.
- EVANS, Robert. C. "This sport well carried shall be chronicled: Puck as trickster in Shakespeare's A Midsummer Night's Dream". In: BLOOM, Harold; HOBBY, Blake. (ed.). **The trickster**. Nova York: Infobase Publishing, 2010. Pp. 109-119.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. Londres: Longman, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. Nova York: Pantheon Books, 1978.
- _____. **Discipline and punishment: The birth of the prison**. Nova York: Pantheon Books, 1977.
- _____. **Madness and civilization: A history of insanity in the age of reason**. Nova York: Pantheon Books, 1965.
- FRANKEL, Susannah. "Introduction" In: BOLTON, Andrew; BLANKS, Tim; MCQUEEN, Alexander; FRANKEL, Susannah; SUNDSBØ, Sølve (ed.). **Alexander McQueen: Savage beauty**. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2011. Pp. 17-27.
- FUSS, Diana. **Inside/out: Lesbian theories, gay theories**. Nova York: Routledge, 1991.
- Gergen, K. J. **An invitation to social construction**. Londres: Sage, 1999.
- GILLEY, Brian Joseph. **Becoming two-spirit: Gay identity and social acceptance in Indian country**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- HARAWAY, Donna. "A cyborg manifesto: Science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth-century". In: HARAWAY, Donna (ed.). **Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature**. Nova York: Routledge, 1991. Pp. 149-181.
- _____. **The Haraway reader**. Nova York: Routledge, 2004.

- _____. **The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness.** Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- _____. **Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan_Meets_Onco Mouse: Feminism and technoscience.** Nova York: Routledge, 1997.
- HARRÉ, Rom; LAGENHOVE, Luk V. "Introducing positioning theory". In: HARRÉ, Rom; LAGENHOVE, Luk V. (ed.). **Positioning theory: Moral contexts of intentional action.** Oxford: Blackwell, 1999. Pp. 14-31.
- HARRÉ, Rom; MOGHADDAM, Fathali M. (ed.), **The self and others: Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts.** Westport: Praeger, 2003. P. 158
- HELLER, Dana. "Holy fools, secular saints, and illiterate saviors in American literature and popular culture". **CLCWeb: Comparative Literature and Culture.** West Lafayette, V. 5, N. 3, 2003.
- HYDE, Louis. **Trickster makes this world: Mischief, myth, and art.** Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.
- JUNG, C. G. **Four archetypes: mother, rebirth, spirit, trickster.** Princeton: Princeton University Press, 1970.
- KENNEDY, H. C. "The "third sex" theory of Karl Heinrich Ulrichs". **Journal of Homosexuality.** Nova York, V. 6, N.1-2, 1981. Pp. 103-111.
- KITZINGER, Celia; WILKINSON, Sue. Constructing identities: A feminist conversation analytic approach to positioning in action. In: HARRÉ, Rom; MOGHADDAM, Fathali M. (ed.), **The self and others: Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts.** Westport: Praeger, 2003. Pp. 157-180.
- KNOX, Kristin. **Alexander McQueen: Genius of a generation.** Londres: A&C Black Publishers Limited, 2010. P. 30.
- LYOTARD, Jean-François. **La Condition Postmoderne.** Paris: Minuit, 1979.
- MALONE, Kareen R.; NERSESSIAN, Nancy J.; NEWSETTER, Wendy C.; OSBECK, Lisa M. **Science as psychology: Sense-making and identity in science practice.** Nova York: Cambridge University Press, 2010. P. 126.
- NAMASTE, Ki. "The politics of inside/out: Queer theory, poststructuralism, and a sociological approach to sexuality". **Sociological Theory.** V. 12, N. 2, 1994. Pp. 220-231.
- Online etymology dictionary** (2013) Disponível em:
<http://www.etymonline.com/index.php?term=dupe> Acesso em 08/08/2018.
- PADILLA, Yolanda Chávez. **Gay and lesbian rights organizing: Community-based strategies.** Nova York: Routledge, 2003.
- RIMMERMAN, Craig A.; WALD, Kenneth D.; WILCOX, Clyde. **The politics of gay rights.** Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- ROSS, E. Wayne. **The social studies curriculum: Purposes, problems, and possibilities.** Nova York: SUNY Press, 2006.
- SANSALONE, Dom. **Organization proposes replacing "limiting" term LGBT with more inclusive "GSD".** 2013. Disponível em

- <<https://www.pinknews.co.uk/2013/02/25/organisation-proposes-replacing-the-limiting-term-lgbt-with-more-inclusive-gsd/>> Acesso em 08/08/2018.
- SEELY, Stephan D. "How do you dress a body without organs? Affective fashion and nonhuman becoming". **WSQ: Women's Studies Quarterly**. Baltimore, V.41, N.1-2, 2013. P. 263.
- SYCAMORE, Mattilda Bernstein. **That's revolting!: Queer strategies for resisting assimilation**. Nova York: Soft Skull Press, 2005.
- The Oxford English dictionary**, 2^a ed. Grã-Bretanha: Oxford University Press, 1961.
- WETHETRELL, Margaret; TAYLOR, Stephanie; YATES, Simeon J. **Discourse as data: A guide for analysis**. Londres: Sage Publications Ltd, 2001.
- YOUNG, R. M; MEYER, I.H. "The trouble with 'MSM' and 'WSW': Erasure of the sexual-minority person in public health discourse". **American Journal of Public Health**. Washington, V. 95, N. 7, 200